

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SOBRE ARQUEOLOGIA DO TERRITÓRIO DOS QUERQUERNOS I.**

LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; LORENZO FERNANDEZ, Joaquin

Ano: 1938 | Número: 48

---

### **Como citar este documento:**

LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; LORENZO FERNANDEZ, Joaquin, Sobre arqueologia do território dos Querquernos I. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 85-106.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Sôbre arqueologia do território dos Querquernos

---

### I.

Desconhecia-se até ao presente que se houvesse descoberto na Galiza mais de duas estátuas de guerreiros galaicos, uma das quais proveniente do castro de Rubiás, no antigo território dos Querquernos, actual terra de Bande.

Mais adiante nos ocuparemos do referido castro, da sua estátua e dos restos que da mesma ainda subsistem; antes, porém, de entrarmos no exame desses pontos, queremos apresentar as razões que nos levam a crer que nas proximidades do mesmo castro havia uma outra estátua de guerreiro galego, actualmente desaparecida, mas à cerca da qual existe uma referência literária muito mais antiga do que aquelas que nos deram a conhecer as suas companheiras de Rubiás e de Vilar de Barrio.

Numa escritura de doação do casal de Santa Comba, outorgada por Odoino, no ano de 982, a favor do Mosteiro de Celanova e do seu abade Diego, são mencionadas do seguinte modo as confrontações dos prédios doados (1):

“.....quomodo dividet cum uilla sancta columba, ermigildi et atanes et tranzit limia ad patrono intra mogaynes et sancta columba et feret in arca tras limia ad casam de domno et per sui terminis ubi inuneritis lacos anticos et mamolas. Vno laco qui est tras limia

---

(1) Lopez Ferreiro: «Historia de la Iglesia de Santiago». T. II. Apêndices, p. 176.

unde uenit liniolo qui tranzit per limia et uenit inter sancto martino de calidas et feret in cima de villa ad alio laco maior per suo liniolo ubi iacit effigiem hominis sculpta in petra que testificat de laco in laco, et inde per suos moliones firmissimos ad arca maior ad castro de uemes et ait tornat per alios moliones et feret in fontem de mulieres deinde postea mineo rio inter villarino et monte longo per ubi firmissime diusimus cum ipsus domus.....”

Atendendo a que na vizinha freguesia de Cadós existe um lugar que se chama de Cimadevila, julgou o erudito arqueólogo Fermin Bouza Brey, ao ocupar-se dêste documento, em determinada ocasião <sup>(1)</sup>, que a *effigiem hominis sculpta in petra* poderia dizer respeito ao guerreiro galego do castro de Rubiás; mas, se considerarmos que tal guerreiro jazia, segundo os testemunhos de Castellá Ferrer <sup>(2)</sup> e de Cean Bermudez <sup>(3)</sup>, dentro do recinto do castro e não em suas proximidades, e se tivermos em linha de conta que na freguesia de San Juan de los Baños existe uma outra aldeia também chamada Cimadevila, chegaremos à conclusão evidente de que a *effigiem hominis* da doação de Odoino não podia referir-se à estátua mencionada por aqueles autores.

A quasi totalidade dos lugares citados na doação pode ser identificada sem dificuldade, visto êsses lugares conservarem, ainda hoje, as mesmas denominações que tinham no século X; mas, para o objectivo do nosso estudo, tão somente nos interessa a zona compreendida entre *Sancto Martino de Calidas* e Montelongo. *Sancto Martino de Calidas* é actualmente a aldeia de Baños, onde existe um concorrido estabelecimento termal, cujas virtudes já eram conhecidas e apreciadas na época romana. Dêste ponto em diante o limite mencionado na doação dirigia-se para norte até encontrar Cimadevila, que é hoje um lugar da freguesia de Baños. Basta lançar a vista sôbre o mapa

(1) «O emprazamento de unha célebre estátua galaica». Nós. T. IX, n.º 107.

(2) «Historia del Apostol Santiago».

(3) «Sumario de antigüedades...». Madrid, 1832, p. 218.

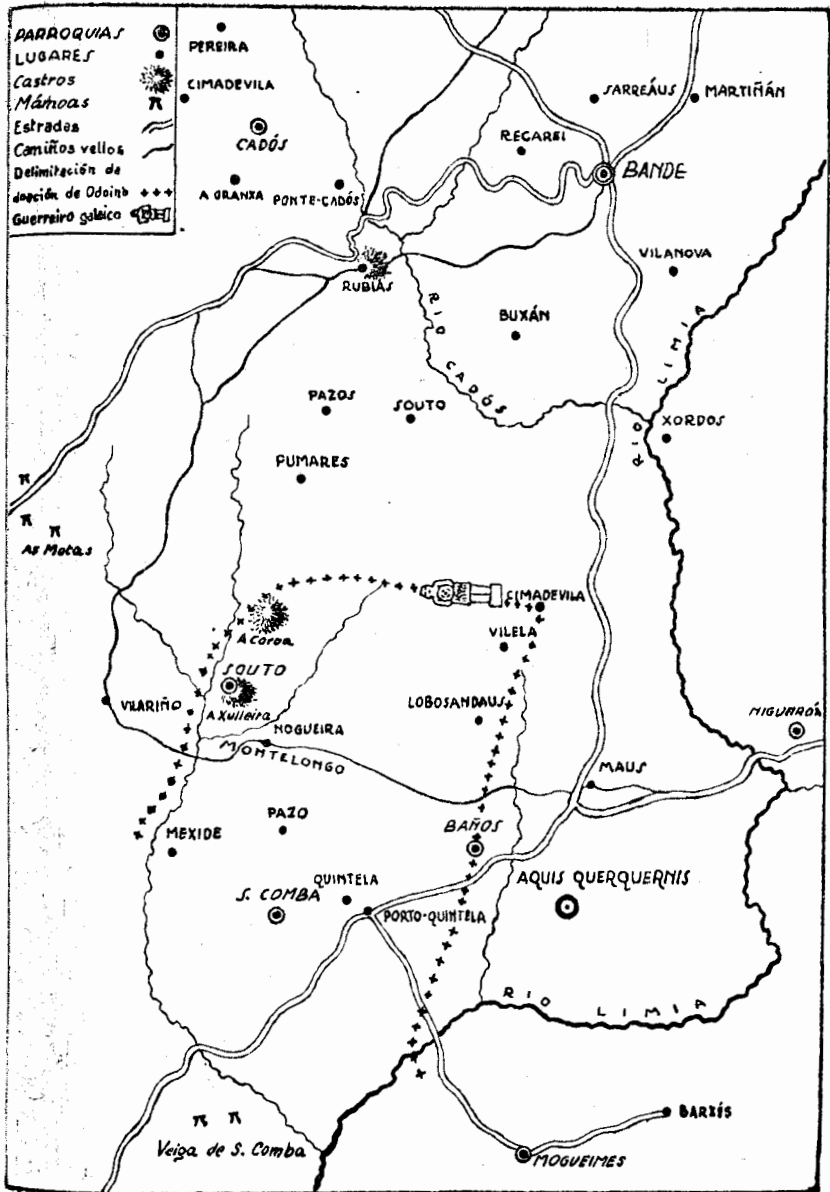


Fig. 1.

representado na Fig. 1, para se concluir que esta Cimadevila tem de ser a que indicamos e nunca a que está compreendida no termo da freguesia de Cadós, cêrca de 6 quilómetros distante de *Sancto Martino*, visto que entre esta e o nosso ponto de partida fica o castro de Rubiás, onde jazia a estátua, a qual, portanto, deveria ser citada antes, como é lógico, e não depois de se fazer alusão a Cimadevila.

A partir de Cimadevila, o documento não menciona mais aldeia alguma, até Vilariño e Montelongo, que actualmente fazem parte da freguesia de Santa Cristina, e vai fixando as confrontações aludindo à *efigiem hominis sculpta in petra*, à *arca maior*, ao *castro de uemes* e à *fontem de mulieres*. No trajecto em questão não encontramos qualquer anta; todavia, perto daqueles sítios, ficam as necrópoles dolmênicas do Monte das Motas e da Veiga de Santa Comba, seguramente restos de um campo de mamoas que noutros tempos se estenderia até à própria margem do Lima. O *castro de uemes* não pode ser outro senão aquele a que hoje chamam Coroa de Santa Cristina, grande recinto oval de 210 X 101 metros de superfície, provido de um fôso bem conservado em partes, e que se ergue no limite das paróquias de Santa Cristina e de Baños; quanto à *fontem de mulieres*, não é fácil de identificar, visto nenhum manancial daqueles arredores conservar, que nós saibamos, êste nome, embora não deva esquecer-se a existência, a oeste da «Coroa» e muito próximo dela, de uma fonte chamada a Fonte de Ouro, à qual andam ligados alguns relatos folclóricos (1).

E', pois, evidente que o homem de pedra de que nos vimos ocupando jazia entre Cimadevila e a Coroa de Santa Cristina, aproximadamente no lugar que fixámos no mapa da figura 1. Mas ¿tratar-se-ia, na verdade, de uma estátua de guerreiro? Em primeiro lugar é preciso ter em linha de conta que a efígie era empregada como marco limitativo, o que já nos deixa

---

(1) Florentino Lopez Cuevillas e Xurxo Lorenzo: «Catálogo dos castros galegos. Terra de Lobeira». Publ. do Seminário de Estudos galegos, p. 11.

prever um tamanho suficientemente grande para tornar difícil o seu transporte. Por outro lado somos levados a concluir que estava certamente derrubada no meio dum campo e que não tinha relação alguma com a iconografia cristã, pois que, a tê-la, seria designada pelo nome do personagem representado; tampouco é de crer que se tratasse de uma escultura da época romana, pois as que têm aparecido no Noroeste da Península são tôdas de pequenas proporções e nada nos induz a supor que houvesse aqui figuras monumentais de deuses ou de imperadores.

Temos, portanto, de restringir o limite do nosso inquérito aos tempos proto-históricos; e, durante êsses tempos, não sabemos hoje da existência, no nosso círculo cultural (à excepção do ingente e desconcertante Colosso de Pedralva), de outros homens de pedra, a não ser as estátuas de guerreiros.

Claro está que tudo isto não é suficiente para apoiar uma afirmação categórica; mas, tendo em atenção que o homem de pedra a que aludimos se encontrava perto do castro de Santa Cristina, e que as estátuas de guerreiros se descobriram sempre nos castros ou suas imediações, concluiremos forçosamente que a hipótese de a *efigiem hominis* da doação de Odoino dizer respeito a uma daquelas estátuas não deixa de apresentar em seu favor alguma cousa mais do que simples indícios.

Além disso encontramos no referido documento a menção de *mamolas*, de uma *arca* e de outra *arca maior*, denunciadoras de monumentos megalíticos, de *laco* e *lacos antigos*, que possivelmente dizem respeito a cavidades abertas nos penedos, semelhantes a essas outras, tão conhecidas, de Panoias e de Mougás; e, finalmente, deparamos com a notícia de que a Coroa de Santa Cristina se chamava, no século X, castro de Uemes. Uma pesquisa minuciosa nos lugares a que se refere a doação talvez um dia nos permita adiantar alguma coisa àcerca dos megálitos e cavidades rupestres citadas, se quaisquer vestígios ainda ali restarem; quanto à análise filológica do nome do castro, entregamos o seu estudo a pessoa especializada na matéria.

## II.

O castro de Rubiás, jazida da estátua de guerreiro que foi vista e estudada por Castellá Ferrer, está situado na paróquia de Cadós que pertence à Província de Orense e concelho de Bande. Da vila, cabeça administrativa da região, parte na direcção do poente a estrada de Entrimo, que inicialmente desce em pronunciado declive até chegar a Ponte Cadós, subindo

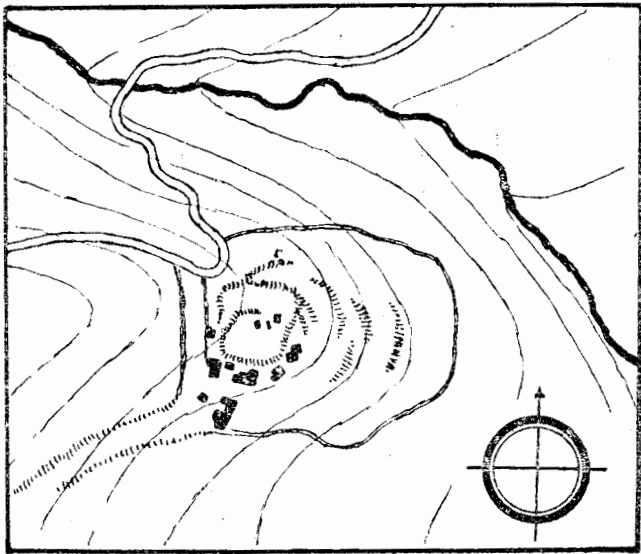


Fig. 2.

em seguida a vertente oposta. A 500 metros da ponte, e à mão esquerda, há um pequeno caminho pelo qual se vai ter à aldeia de Rubiás e ao recinto do castro.

A situação topográfica dêste antigo recinto fortificado (Fig. 2) é tipicamente em esporão. Por este, nordeste, norte e noroeste, é rodeado pelo curso do rio Cadós, que desliza fundo e flanqueado por altas vertentes. Por sudeste e sul, cinge a base do morro o curso de um regato, que apesar de não apresentar

descidas muito íngremes às suas margens, constitue, por êsses lados, uma excelente defesa natural; por oeste, liga-se o morro ao maciço de que forma parte, cujas cotas mais altas o excedem, porém um pouco afastadas do castro.

Como fàcilmente se compreende, era por êste lado de oeste que se impunha um maior cuidado na fortificação; e foi ali, por êsse efeito, segundo um método muito generalizado na architectura militar dos castros, que se abriu um fôssco de 50 metros de comprimento, por 16 de largo e 20 de profundidade, o qual servia para isolar a área cercada do restante espaço do monte.

Parece que esta área cercada era constituída por dois recintos escalonados, de forma irregular (Fig. 3), evidenciados por um pequeno terraplano de 6 metros de altura que corre em semi-círculo de sudeste para este, medindo em conjunto, os dois recintos, 80 metros de norte a sul, e 95 de este a oeste.

A circunstância de se encontrar hoje tôda a superfície do castro coberta de terras cultivadas, de vedações de propriedades e até de casas, não permite precisar com segurança se nos lados voltados ao rio Cadós e ao curso do regato afluente dêste houve ou não muralha ou terraplano com revestimento de pedra, distinguindo-se apenas em tôda essa parte uma série de tabuleiros, descendo em degraus pelas vertentes, semelhantes na sua disposição aos que se vêem em muitos outros castros galegos. Todavia, pelo estado de cultivo em que o terreno se encontra, não ousamos afirmar se êste dispositivo das terras é antigo ou moderno.

O primitivo nome dêste castro de Rubiás é conhecido. Não se trata aqui, porém, como no caso do castro de Uemes, de um testemunho documental muito posterior à nossa época proto-histórica, mas sim de um nome referido num documento coetâneo da época da romanização, documento redigido e escrito naqueles anos em que o indigenismo autóctone aflorava por todos os lados, mal coberto ainda pelas últimas dobras do manto imperial.

O documento em questão é uma lápide funerária aparecida numa sepultura de pedra, situada a vinte



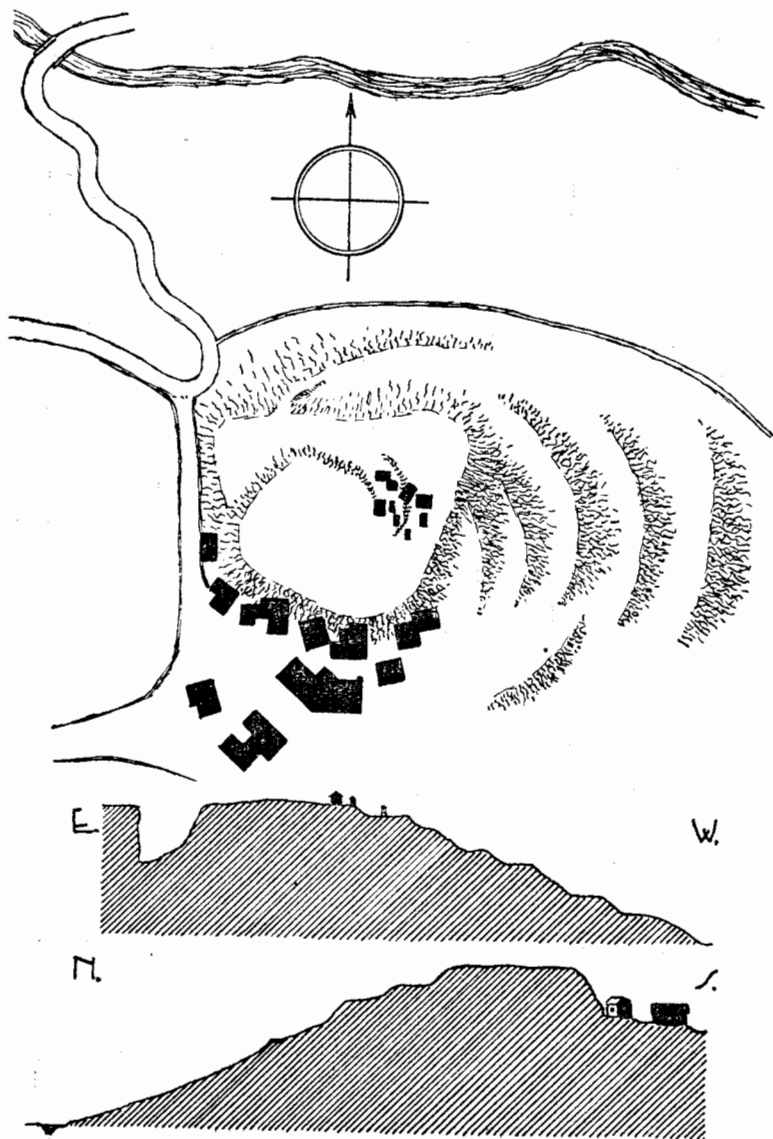


Fig. 3.

passos da Igreja de Cadós (1). A epígrafe, tal como a transcreve Vasquez Nuñez (2), rezava isto:

MEDAMVS ARCISI · F  
 HIC SITVS EST  
 CASTEIRO MEIDVNIO  
 MONVMENTVM FECE  
 RVNT  
 ACONDEI  
 AMICO CARO

Convém em primeiro lugar chamar a atenção para o pronunciado sabor indígena desta epígrafe, na qual, à excepção da língua em que foi escrita, nenhum elemento latino aparece.

Com efeito, o nome pessoal *Medamus* é apontado em lápides das Caldas de Vizela (3), da Citânia de Briteiros (4), de Coria (5) e de Talavera de la Reina (6). *Medamus* se chamava igualmente o artista prateiro que marcou as faleras encontradas em Lauersforteim, na Germânia Inferior (7). Trata-se portanto de um característico nome pessoal luso-galaico, cuja singular aparição na Germânia pode atribuir-se à emigração para aquelas longínquas paragens de um dos nossos habilidosos aurífices.

*Arcisus*, o nome do pai de *Medamus*, registou-se em Vila-Real (8), e em S. Vicente, nas proximidades de Cáceres (9). E', como o anterior, um nome pessoal luso-galaico relacionado, seguramente, com o de *Arcus*, uma vez representado em El Pino, na Provín-

(1) C. I. L. II. 2520.

(2) «Epigrafia latina de la provincia de Orense», in Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense. T. I, p. 51.

(3) C. I. L. II. 2402.

(4) C. I. L. II. 5594.

(5) C. I. L. II. 774.

(6) C. I. L. II. 911.

(7) C. I. L. II. 2402.

(8) C. I. L. II. 5556.

(9) C. I. L. II. 733.

cia de Zamora (1), e seis vezes repetido no território lusitano (2).

Os *Ancondei* são com certeza uma *gens* ou família, possivelmente dos Querquernos, que ocupava o vale médio do rio Lima; e quanto ao castelo Meidúnio, cujo nome foi comparado ao de Meidúbriga (3), uma das colectividades lusitanas que contribuíram para a construção da ponte de Alcântara, pode igualmente comparar-se com o nome pessoal Meiduená, de uma lápide encontrada ao pé do castro orensano de S. Facundo de Cea (4).

¿Onde poderemos presumir agora que estava situado este castelo Meidúnio? Os autores latinos designavam pelo nome de *castellum* os castros de reduzido tamanho, ou, o que é a mesma coisa, os *habitats* guarnecidos de obras defensivas, quasi sempre situados em fortes posições, e que, pela sua superfície ou importância, não atingiam a categoria de verdadeiros *oppida*. César, referindo-se às Gálias, distingue várias vezes entre *oppida* e *castella*, e dá o título de *castellum* a Aduática, cidade dos Eburões; Plínio (5), por sua vez, ao enumerar as tribus e cidades da Galécia, chama *oppidum* a Abóbrica e qualifica Tyde somente de *castellum* (6).

O castelo Meidúnio era, portanto, um castro de restrita superfície, como o seria também o castelo Berensi, dos Límicos, do qual temos notícia por uma epígrafe de Cabañas (6). Se as notícias àcerca desta lápide de Cadós são exactas, sabemos que appareceu numa sepultura desmantelada, a vinte passos da Igreja de Cadós (7). Ignoramos se o sepulcro em questão era o do Medamus citado na epígrafe, ou se a lápide teria sido aproveitada para uma construção funerária de época posterior; mas, ainda neste último caso, não é lícito supor que tivesse sofrido uma grande

(1) C. I. L. II. 2615.

(2) C. I. L. II. 668, 671, 948, 5223, 5307 e 664.

(3) C. I. L. II. 756.

(4) Vasquez Nuñez. Op. et loc. cit., p. 24.

(5) N. H. IV, 34.

(6) C. I. L. II. 5353.

(7) C. I. L. II. 2520.

deslocação, parecendo mais acertado acreditar que houvesse sido retirada de qualquer local próximo da construção do novo sepulcro.

Pois bem. Na mesma freguesia de Cadós, a poucas centenas de metros da Igreja paroquial, e, por conseguinte, do sítio onde jazia a epígrafe, ergue-se o castro de Rubiás, ficando os restantes três castros mais próximos, que são o de Bande, a coroa de Santa Cristina e o da Xulleira, afastados 4 a 5 quilómetros.

E' certo que a lápide de Medamus não foi encontrada dentro do próprio recinto fortificado, mas, admitindo a hipótese de um aproveitamento posterior, a sua trasladação não é coisa improvável, dada a insignificante distância que separa os dois lugares; por outro lado, é um facto que o nome dado ao castro se estenderia às terras circundantes que lhe estavam adstritas e em cuja área se encontrava o lugar do achado da sepultura.

Tendo em conta estas circunstâncias, tudo leva a crer que o castro actualmente chamado de Rubiás foi noutros tempos o castelo Meidúnio, e neste caso, como, talvez, igualmente, no do castro de Uemes, temos assim identificada com o seu antigo nome uma das nossas velhas cidades proto-históricas.

### III.

Esta região do vale do Lima, onde assenta o castro de Rubiás, sofreu, porém, mais cedo e com maior intensidade do que outras comarcas da nossa terra, o influxo da romanização. Entre os actuais povos de Baños de Bande e de Porto Quintela, foi localizada a mansão das *Aquis Querquernis*, pertencente à via 18.<sup>a</sup>, entre Braga e Astorga, via que já estava aberta na época da dinastia Flávia; anos depois, construiu-se uma outra, secundária, que, partindo da mansão atrás citada, atravessava o curso do rio Cadós, transpunha a divisória entre o Lima e o Arnoya e, pelo vale dêste rio, se dirigia para norte, a fim de alcançar o Minho em Orense e seguir depois, provavelmente, até Lugo.

A construção desta estrada, cuja existência se demonstrou por três marcos miliários que lhe per-

tenciam (1), influíu de modo notável na pequena colectividade indígena estabelecida no castro de Rubiás, impedindo que esta abandonasse por completo o recinto fortificado e se dispersasse, como outros agrupamentos análogos, em quintas e casais, por isso que a via em questão, ao procurar um ponto adequado para a travessia da corrente do Cadós, tocou tangencialmente as defesas do castro, aproveitando ainda como trincheira, depois de afundado e alargado, o fôso que separava a acrópole do resto do esporão montanhoso; e dêste modo, devido à atracção que em todos os tempos os caminhos exerceram sobre os núcleos urbanos, a gente do castelo Meidúnio não deslocou o seu *habitat* e continuou, pelo menos em parte, a viver até hoje no mesmo lugar onde viveram os seus longínquos antepassados, utilizando nas novas construções as mesmas pedras que serviram para erguer as casas circulares do castro.

Quando, em 24 de Outubro de 1935, a Comissão de Monumentos de Orense se deslocou ao castro de Rubiás em visita oficial (2), ficou surpreendida ao ver que nas paredes das humildes edificações da aldeia, nos muros das quintas e até no remate superior de uma fonte pública se encontravam pedras ornamentadas com signos suásticos e relevos de diversas espécies, uma lápide onde se lia o nome do Imperador Trajano e a cabeça de uma estátua de guerreiro galaico.

Todo êste verdadeiro tesouro arqueológico foi transportado para o Museu de Orense, onde se procedeu ao seu estudo, ficando mencionado e registado do seguinte modo:

Um tríscolo, gravado por meio de sulcos, com os braços em movimento dextrórsum (Fig. 4-A)

Um tríscolo, gravado por sulcos, com os braços em movimento dextrórsum (Fig. 4-B)

---

(1) C. I. L. II. 4852, 4876 e 6235. A terceira, com o letrero obliterado, encontrava-se há alguns anos na outra margem do Minho, no povoado de Gustei, concelho de Coles.

(2) Juan Dominguez Fontela: «La visita de la Comisión de Monumentos de Orense a la región de Bande», in Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense. T. X, p. 425.

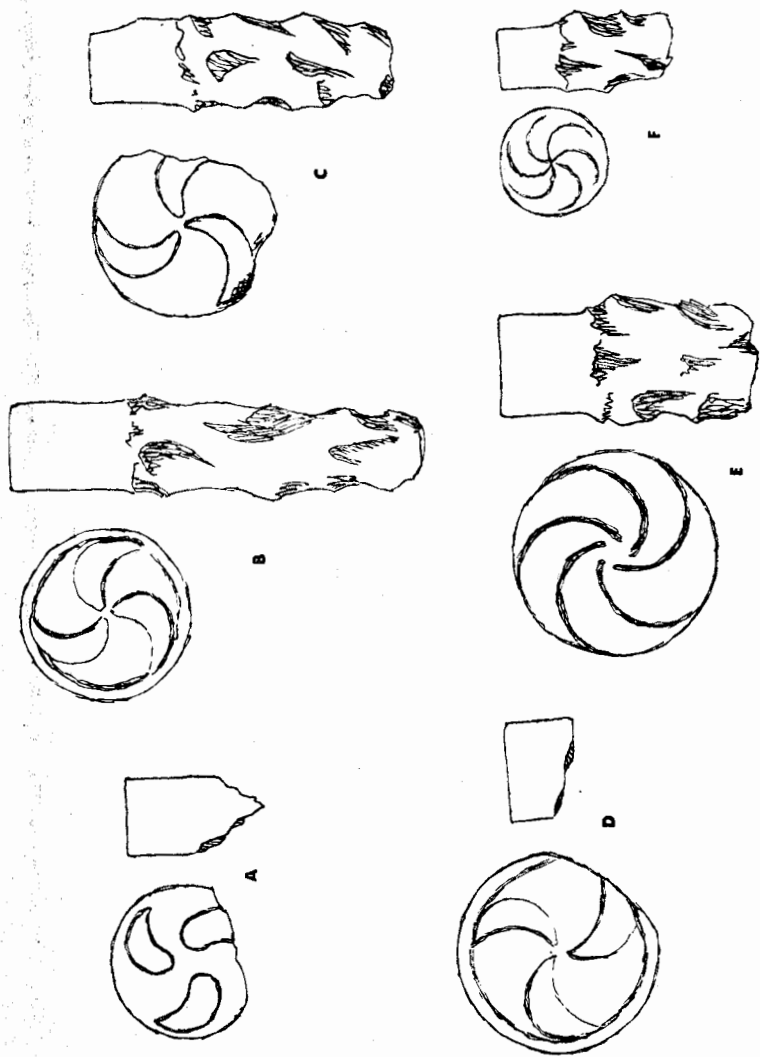


Fig. 4.

Um tríscolo em relêvo, com movimento dextrórsum (Fig. 4-C)

Um tríscolo refundado, com movimento sinistrórsum (Fig. 4-D)

Uma roda com raios curvos, gravada por sulcos, em movimento sinistrórsum (Fig. 4-E)

Uma roda com raios curvos, gravada por sulcos, em movimento dextrórsum (Fig. 4-F)

Um signo estelar de seis raios, gravado por sulcos, e com as pontas unidas por outros sulcos (Fig. 5)

Uma moldura de porta, ou do sôco de uma casa, com uma corda em forte relêvo (Fig. 6)

Uma moldura de porta, com um entrelaço em relêvo, em forma de 8 (Fig. 7)

Uma moldura ou guarnição de porta, com um entrelaço de losangos e saliências semi-esféricas nos vazios, tudo com vigoroso relêvo (Fig. 8)

A cabeça duma estátua masculina, com evidente indicação de um torques ao pescoço (Fig. 9)

Uma lápide muito deteriorada, que, segundo a leitura de Dominguez Fontela (1), diz o seguinte:

(IMP)·CAES·N  
(ER)VAE·TRAIA  
NO·AVG·GER  
...PONT·MAX·  
P·P·COS·III...  
.....P.....

Comentando esta epígrafe, supõe o sábio arqueólogo Dominguez Fontela que o motivo da sua execução

(1) Op. et loc. cit.

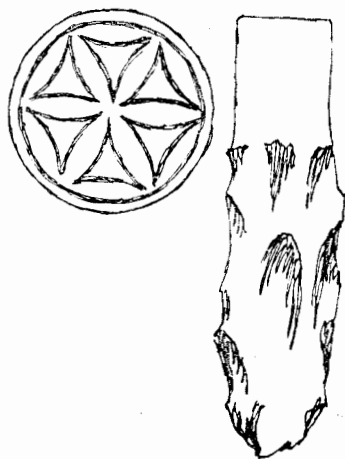


Fig. 5.

fôsse o facto de os romanos haverem occupado o castelo Meidúnio, na época do Imperador Trajano.

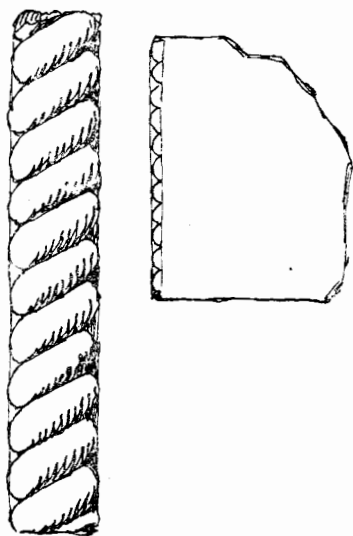


Fig. 6.

E' difficil, na verdade, fazer conjecturas sôbre este ponto, faltando, como falta, a parte inferior da lápide onde devia figurar o nome da pessoa ou colectividade dedicante; mas, ainda que conhecêssemos este nome, é muito possível que nada adiantássemos sôbre os motivos da execução do monumento, pois, em dedicatórias análogas da *Civitas Limicorum* <sup>(1)</sup> e de Santa Comba de Bande <sup>(2)</sup>, para falar sòmente das mais próximas do castro de Rubiás, não se encontra senão o nome

do dedicante e o nome e títulos dos imperadores a quem se honra.

Cean Bermudez <sup>(3)</sup> assegura que no castro de Rubiás existia outra dedicatória ao Imperador Adriano, que não podia ler-se por estar muito obliterada. Sem pretendemos dar à nossa hipótese qualquer valor afirmativo, ousamos insinuar a possibilidade de que, pelo menos a epigrafe dedicada a Trajano, fôsse motivada pela construção da via que passava pelo castro de Rubiás, tendo esta hipótese a seu favor o fomento das obras públicas na Península, na época daquele Imperador, e o costume de solenizar com monumentos epigráficos o lançamento de pontes, a abertura de caminhos e ainda as obras e reparações que nêles se faziam,

<sup>(1)</sup> C. I. L. II. 2516 e 2517.

<sup>(2)</sup> C. I. L. II. 2529.

<sup>(3)</sup> Op. et loc. cit.



havendo exemplos de tudo isso na ponte de Chaves (1), bem como na própria via número 18 do Itinerário de Antonino (2), da qual partia a estrada secundária que passava pelo castelo Meidúnio.

Pôsto isto, passemos a ocupar-nos das pedras com trísceles e signos estelares, gravados ou em relevo, relacionados com a nossa cultura castreja.

São vulgares estas pedras nas estações minhotas, aparecendo representadas, entre outros castros, nos de Sabroso, Briteiros, Monte Redondo, Vilar, Monte Mosinho, Paderne e Terroso. Na Galiza é assinalada a sua presença em Santa Tecla, em Troña, onde se encontraram dois exemplares de trísceles, e em S. Cibrán das Lás, onde se achou um signo estelar, tornando-se digno de nota o facto de a norte destas localidades ser

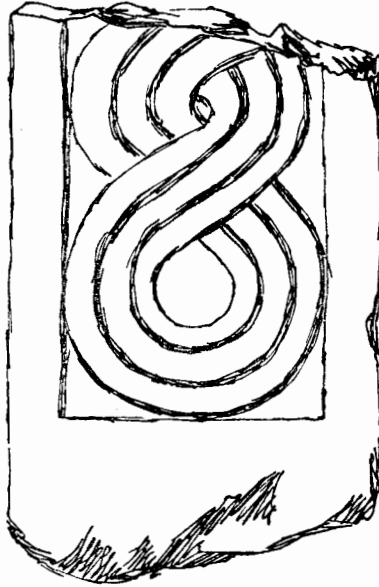


Fig. 7.

desconhecido o aparecimento de representações desta espécie, mesmo em castros largamente escavados como foram os de Baroña e Borneiro (3).

As pedras esculpturadas mostram, de modo indubitável, pela forma como foram lavradas, que se destinavam a ocupar um lugar nas paredes das casas, tal como ainda o ocupavam quando foram descobertas

(1) C. I. L. II. 2477.

(2) C. I. L. II. 6222.

(3) Sebastian Gonzalez Garcia-Paz: «Noticia de las exploraciones arqueológicas en los castros de Borneiro y Baroña», in Boletín de la Universidad de Santiago. Santiago, 1934.

pela Comissão de Monumentos orensana. Cinco de entre elas estavam inteiras, apresentando, em seguida ao tópo onde se esculpiu o tríscolo ou o signo estelar, uma zona lavrada com relativo cuidado, o que indica, em nossa opinião, que eram assentes na parede de que faziam parte, uns centímetros mais salientes do que o resto do paramento, podendo assim admitir-se a função profilática que tais pedras desempenhavam, muito semelhante ao papel que hoje desempenham os cornos de carneiro e as ferraduras que vemos colocadas

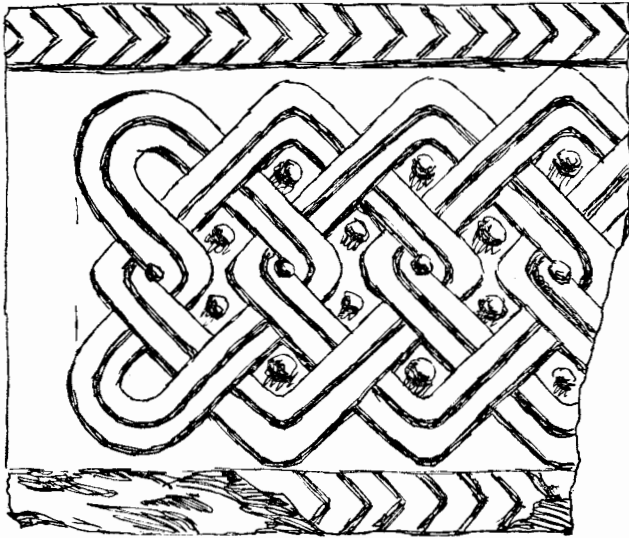


Fig. 8.

no exterior das paredes, ou cravadas nas portas de entrada das casas rústicas da Galiza.

Acêrca da aplicação dêstes signos nas estelas funerárias da época romana, bem como da sua expansão, na mesma época, a certas zonas da cultura dos verrões, talvez ainda nos ocupemos algum dia.

Menos freqüentes do que as pedras com trísceles, estrêlas, rosáceas e outros signos, são as molduras de portas e socos de casas, semelhantes às que foram encontradas no castro de Rubiás. Além dos três me-

lhores espécimes de portas de habitações castrejas — a da Cidade de Ancora, a de Coronero, da Citânia de Briteiros, e outra incompleta, de Sabroso (1), existem numerosos fragmentos provenientes de Briteiros, Sabroso e Vermoim, bem como de S. Miguel-o-Anjo, que provavelmente pertenceram também a socos e a portadas. Na Galiza, apenas em Santa Tecla se registaram fragmentos desta espécie, contendo entrelaços que formam a chamada «suástica do Minho», e torsos; fora da Galiza, num castro berciano, já nos limites do nosso círculo cultural, recolheu-se um pedaço de xisto silúrico da região, com quadrados preenchidos por entrelaços de tipo absolutamente castrejo, separados por zonas estreitas de cordas ou torsos.

O repertório da decorativa da nossa cultura dos castros (2) foi enriquecido pelos achados de Rubiás com um novo motivo, ou antes — com uma nova modalidade do motivo de entrelaços. Com efeito os laços representados na figura 8, com seus losangos em dupla cadeia e suas saliências mamilares nos espaços vazios, não foram ainda registados, que nós sabemos, nem no norte de Portugal, nem na Galiza, e fornecem um novo elemento de apreciação da inventiva e do gosto dos nossos decoradores proto-históricos.

Os outros motivos, a espécie de espinha de peixe que contorna os entrelaços de que acabamos de ocupar-nos, as séries de oitos e o tórso são muito mais vulgares. O primeiro registou-se em Sabroso e na pedra de uma forja de Troña, sendo ao mesmo tempo vulgar nas cerâmicas. As figuras em 8 ou similares apareceram em Sabroso e S. Miguel-o-Anjo, e os tórso em Briteiros, Sabroso, Ancora e Santa Tecla.

#### IV.

A mais antiga referência à estátua de guerreiro galaico do castro de Rubiás, aparece na *Historia del Apostol Santiago*, de Castellá Ferrer, onde se diz que

---

(1) Vid. Mário Cardozo: «Citânia e Sabroso». Guimarães, 2.<sup>a</sup> ed., 1938, p. 24, 27 e 75.

(2) *Ibidem*, p. 29.

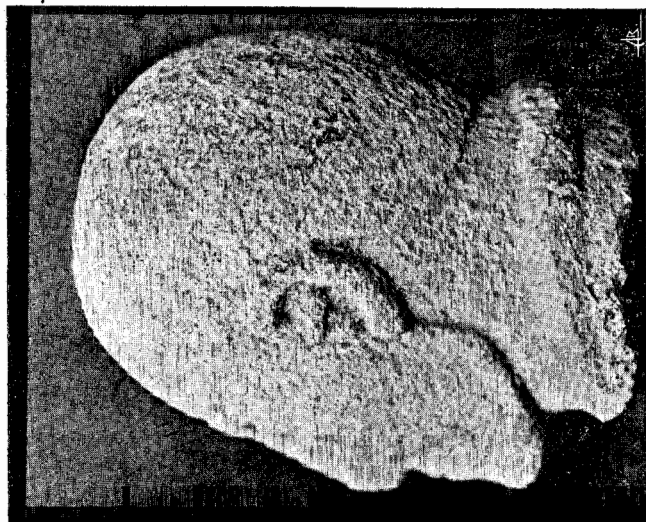


FIG. 9.

no castro de Rubiás, perto de Araujo e do mosteiro de Celanova, existia «una figura de hombre de piedra, desnudos los brazos, con un sayo largo hasta mas arriba cuatro dedos de la rodilla, ceñido con una cinta grabada, desnudas las piernas, con las manos tiene una rodela o escudo redondo con una punta en medio». Este homem de pedra continha uma inscrição que dizia simplesmente *Adrono Veroti. F.*

De modo semelhante, pôsto que precisando com maior exactidão o local da estátua, descreve-a Cean Bermudez nas seguintes linhas (1):

«Castro de Rubiás o Rubión, Castillo antiguo de la provincia de Orense, distante una legua al norte de la iglesia de Santa Comba. Se encontró en él una estatua de piedra, de hombre, vestido con un sayo largo, y con los brazos y piernas desnudos. Tenia en las manos un escudo redondo con estas letras en derredor: ADRONO VEROTI. F.».

Quem haja observado qualquer das estátuas de guerreiros que existem em Portugal, não duvidará um momento de que o homem de pedra do castro de Rubiás pertencia a este tipo de esculturas, que, à parte alguns detalhes secundários, apresentam sempre entre si uma extraordinária semelhança. Os braços e as pernas nuas, a túnica curta por cima dos joelhos, o escudo pequeno e redondo, seguro com as mãos, e o umbo indicado por uma protuberância, são características comuns a tôdas estas manifestações da nossa arte proto-histórica, parecendo que a citada escultura galega se aproximava mais das de Viana, Santo Ovídio de Fafe e Campos do que das restantes portuguesas, na particularidade de ostentar gravuras no cinturão que cingia a túnica.

Tôdas as pesquisas e averiguações realizadas para recolher uma simples notícia da estátua junto dos moradores do lugar de Rubiás foram inúteis; em compensação indicaram-nos como coisa antiga e que sempre fôra conhecida de todos os do lugar, uma cabeça de homem, toscamente esculpida em granito, que há pouco tinha sido colocada no tópo duma

---

(1) Op. cit.

fonte, e cuidadosamente coberta, como toda a construção, com uma aguada de cimento.

A cabeça em questão podia ter sido, em qualquer época, obra da mão de um canteiro pouco habilidoso; porém, logo nos prendeu a atenção o facto de apresentar no pescoço, e um pouco acima da linha de fractura produzida pela separação desta parte do resto do corpo da estátua a que pertencia, a indicação clara e indubitável da existência de um torques. E êste detalhe obrigou-nos a proceder a um exame mais detido e cuidadoso.

Mede esta cabeça 22 centímetros de altura e a sua forma geral  estreita e alongada. Na região occipital o cabelo aparece indicado por um ligeiro rebrdo de pedra, estando igualmente marcado com certo detalhe o contorno exterior do pavilhão da orelha e fortemente acusado o perfil do maxilar inferior. Os olhos aparecem com a convexidade do globo, mas sem a indicação do buraco da pupila. A boca  talhada por um sulco e nas duas faces nota-se uma depressão que imprime a toda a fisionomia uma singular expressão de abatimento. Como já dissemos, distingue-se nas partes posterior e lateral do pescoço uma saliência hemicilndrica que forçosamente temos de interpretar por um colar rígido, que falta na parte anterior atingida pelo plano da fractura.

Nem o tamanho desta peça, nem a rudez da sua execução excluem a possibilidade de ela ter pertencido a uma estátua de guerreiro galego. Por infelicidade são raras as esculturas desta espécie que conservam a cabeça, e ainda mais raras aquelas que a conservam sem grande alteração do seu aspecto primitivo. Por outro lado as reproduções que das mesmas dispomos não são suficientemente detalhadas para nos permitirem um exacto e completo estudo comparativo; e assim, diremos tão somente que enquanto na estátua de Capeludos os olhos são indicados por duas cavidades, numa das de Montalegre aparecem tratados do mesmo modo que na cabeça do castro de Rubiás; o torques aparece tbm nas duas citadas estátuas de Montalegre.

Tornando estes paralelismos extensivos a outras das nossas esculturas proto-históricas, deparamos com

uma da Citânia de Briteiros e outra de Santa Iria (1) com as orelhas marcadas de modo idêntico ao das do fragmento de Rubiás; com globos oculares sem pupila na já citada de Santa Iria, bem como noutra do castro de Barán, em Paradela, Lugo (2). De tudo isto se conclue que, dentro da própria grosseria desta escultura castreja existiam graus e modalidades que, no estado actual dos nossos conhecimentos, ignoramos se devam atribuír-se a uma evolução ascendente ou à maior ou menor perícia da mão executante.

Por todos estes dados, pelo sítio onde apareceu a cabeça da estátua de que nos vimos ocupando, que era seguramente o local de uma das esculturas de guerreiros galegos, pelo detalhe da indicação do torques e semelhanças com outros exemplares do tempo dos castros, principalmente com o de Santa Iria — inclinamo-nos a crer que a cabeça do castro de Rubiás pertencia à estátua a que se referiram Castellá Ferrer e Cean Bermudez, a qual continha inscrito na cetra o nome indígena de um presumível régulo da época céltica.

#### V.

Suspeitámos sempre que a escultura castreja tivesse o seu principal centro de propagação e criação no Minho português, e suspeitámo-lo pela razão da abundância com que os restos daquela arte apareceram no norte de Portugal em oposição à raridade de achados análogos na Galiza, e principalmente nas suas regiões centrais e setentrionais. Esta escassez de achados na zona galega do nosso círculo cultural podia atribuír-se à menor freqüência de escavações e ao menor interêsse arqueológico que nelas se notava, mas, há alguns anos a esta parte, tanto as escavações como o interêsse pela arqueologia pre-romana aumentaram de modo notável na Galiza; e, apesar disso, a diferença indicada não só subsiste como se acentua, se notarmos que em estações exploradas a fundo, como

---

(1) Mário Cardozo. Op. cit., p. 37.

(2) Vazquez Seijas: «Una escultura protohistórica», in Boletín de la Academia Gallega», n.º 256, p. 95.

as de Borneiro e Baroña, a colheita de esculturas de qualquer espécie foi nula, e que noutras, como em S. Cibrán das Lás e Troña, foi muito escassa, apesar da extensão das áreas escavadas.

As novas descobertas no antigo território dos Querquernos, que acabamos de comentar, dão evidente solidez às nossas suspeitas. O vale do Lima, onde aquela terra assenta, constituiu sempre uma via de comunicação aberta e activa entre as regiões do Minho português e as do sul da Galiza. Foi no tramo galego deste vale que apareceram as cerâmicas do tipo da Penha. Sob a divisão administrativa romana esta zona fez parte da jurisdição de Brácara, e, ainda hoje, muitos detalhes da decoração das suas casas rústicas têm carácter português; a emigração dirige-se principalmente para o Pôrto e Lisboa, e a raça bovina dominante é a chamada minhota.

Em perfeita harmonia e concordância com tudo isto, é ainda um castro do país dos Querquernos aquele que nos proporciona a mais rica colecção de espécimes da arte castreja que até hoje se recolheu na Galiza, e é também, seguindo o vale do Lima para montante, onde nós encontramos escalonadas as estátuas de guerreiros de Rubiás e de Vilar de Barrio, bem como aquela que, com muitas probabilidades, também o era, e nos aparece mencionada na doação de Odoino ao convento de Celanova.

FLORENTINO LOPEZ CUEVILLAS e  
JOAQUIN LORENZO FERNANDEZ.